



9 *Um documentário na etnografia*

(A documentary in ethnography)
(Un documental sobre etnografia)

*Caterine Reginensi*¹

1. Possui doutorado em Sociologia – Université de Paris VIII (1986). Também possui HDR (Habilitation à diriger des recherches), 2012, (Livre docência) em antropologia urbana. Atualmente é professora titular LEEA/CCH – Universidade Estadual do Norte Fluminense, Darcy Ribeiro. Professora do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política/PPGSP. Pesquisadora associada do Centre de recherche sur l'Habitat (UMR Lavue, CNRS n 7218). Membro efetiva da Associação brasileira de Antropologia (ABA). Desenvolvo trabalhos de pesquisa nas áreas de antropologia urbana e planejamento urbano. Fui Professora titular - Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse e professora colaboradora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de serviço social de 2002 a 2014. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5436347915013203>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8032-6144>

Resumo – O documentário apresentado, *Viver e permanecer no Morro do Rangel*. A galeria 8 W, um projeto de arte urbana que ressignifica o lugar!, insere-se numa pesquisa etnográfica intitulada: “DiverCidades: itinerários e uso das imagens na pesquisa etnográfica comparada”. A questão central da pesquisa parte de duas das seguintes premissas: de quais lugares falam os protagonistas e como pensar a pluralidade de cidades, bem como o desejo de participação, protagonismo e intervenção pública por parte destes grupos? A pesquisa começou no Rio de Janeiro e parou, por parte, no início de 2020, por conta da pandemia COVID19.

Palavras-chave: Documentário; uso das imagens; etnografia comparada; pluralidade de cidades.

Abstract – The documentary presented, *Living and staying in Morro do Rangel*. The 8 W gallery, an urban art project that redefines the place!, is part of an ethnographic research entitled: “DiverCidades: itineraries and use of images in comparative ethnographic research”. The central question of the research is based on two of the following premises: what places do the protagonists talk about and how to think about the plurality of cities, as well as the desire for participation, protagonism and public intervention by these groups? The research began in Rio de Janeiro and stopped, for part, in early 2020, due to the COVID19 pandemic.

Keywords: Documentary; use of images; comparative ethnography; plurality of cities.

Resumen – El documental presentado, *Vivir y alojarse en Morro do Rangel*. La galería 8 W, iun proyecto de arte urbano que redefine el lugar!, forma parte de una investigación etnográfica titulada: “DiverCidades: itinerarios y uso de imágenes en la investigación etnográfica comparativa”. La pregunta central de la investigación se basa en dos de las siguientes premisas: ¿de qué lugares hablan los protagonistas y cómo pensar la pluralidad de ciudades, así como el deseo de participación, protagonismo e intervención pública de estos grupos? La investigación comenzó en Río de Janeiro y se interrumpió parcialmente a principios de 2020 debido a la pandemia de COVID-19.

Palabras clave: Documental; uso de imágenes; etnografía comparativa; pluralidad de ciudades.

Link de acesso ao documentário: <https://vimeo.com/866264106?share=copy> (Senha: galeria8W)

2. <https://cria.org.pt/pt>

3. Pesquisadora visitante CNPq 314049/2013-

4. PPGSP/UENF, “A cidade como arena de oportunidades: Etnografia das margens da cidade, estética e partilha política do sensível” (2014-2016). A pesquisa de extensão ANTROPOARTE é um desdobramento da pesquisa mencionada antes. Esta por sua vez tem como palco exclusivo a favela chamada de Margem da Linha do Rio, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, cujos moradores, em particular um grupo de jovens e suas famílias, vivenciaram episódios de remoção (Reginensi; Sagio; Pereira, 2020-2) (2017-2019).

O documentário apresentado, *Viver e permanecer no Morro do Rangel. A galeria 8 W, um projeto de arte urbana que ressignifica o lugar!*, insere-se numa pesquisa etnográfica intitulada: “DiverCidades: itinerários e uso das imagens na pesquisa etnográfica comparada”. A questão central da pesquisa parte de duas das seguintes premissas: de quais lugares falam os protagonistas e como pensar a pluralidade de cidades, bem como o desejo de participação, protagonismo e intervenção pública por parte destes grupos? (Reginensi; Raposo, 2023).

Esta pesquisa deve muito à equipe de pesquisadores em torno do professor Paulo Raposo, que me convidou para trocar experiências de pesquisa desde 2019, no laboratório CRIA/ISCTE em Lisboa². . A pesquisa começou no Rio de Janeiro e parou, por parte, no início de 2020, por conta da pandemia COVID19.

Nas circunstâncias restritivas impostas pela presença do vírus, parei de viajar e de minha casa, procurei repensar a pesquisa em tempo de pandemia. As táticas (Certeau, 2012) praticadas pelos indivíduos e pelos grupos para sobreviver às consequências da crise do novo coronavírus foram inseridas na minha reflexão. A Etnografia da Duração (Rocha;

Eckert, 2013), que descobri, fundamenta teoricamente a pesquisa, considerando que as narrativas e as ações das artistas encontradas podem ser chaves interpretativas da vida urbana. Assim, os atores sociais se constroem enquanto narradores de suas experiências vividas na cidade.

Em pesquisas anteriores³, a fotografia se constituiu como ferramenta etnográfica e como forma de construção da própria reflexão. Assim, a fotografia e o método dos itinerários (Petiteau; Renoux, 2018), tem capacidades mobilizadora de situações de diálogo entre os interlocutores em campo e como forma de expressar e sistematizar a experiência etnográfica. Desta maneira, a pesquisa tentara melhor dialogar com o grupo de investigadores do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (ISCTE CRIA, Lisboa) que tem interesse em experiências que cruzam transversalmente a criação estética e o *ativismo* como uma expressão cada vez mais utilizada para indicar a produção artística que se origina do desejo de provocar ou explicitar uma causa como indica Paulo Raposo:

Artivismo é um neologismo conceptual ainda de ins-tável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte



4. GTO1 – Arte, Cultura e Ciências Sociais: diferenças, agenciamentos e políticas – Vi Grunvald (UFRGS), Glauco Batista Ferreira (UFG), tinha já participando da RAM 2019 deste GT.

5. Referência ao título da tradução, em português, do livro de Michel Agier (2015).

e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas (Raposo, 2015, p.5).

Finalmente o GTO1 do 44º encontro da ANPOCS4 me permitiu refletir sobre o fato de experimentar métodos que aproximam arte e ciências sociais e construir alguns olhares etnográficos a partir do método dos itinerários e das caminhadas com protagonistas da pesquisa focando nas trajetórias de mulheres artistas.

Por fim, importante destacar:

– Que sou uma mulher cis, branca, estrangeira, (francesa), que sempre morei em territórios privilegiados da cidade do Rio de Janeiro (Zona Sul). E que estou vinculada ao mundo acadêmico, seja com pesquisadora visitante, seja como professora concursada desde 2016 numa universidade pública brasileira. São pontos de partida, condições que me permitem *acessar lugares de cidadania e espaços de fala marcados por privilégios sociais* parafraseando Renata Saavedra (2018). Então tentei me agenciar com camelôs em pesquisas anteriores, com jovens negros da periferia campistas e nesta pesquisa com artistas e com mulheres de uma comunidade, o Morro do Rangel.

A cidade, seus lugares e seus protagonistas

Setha Low (1999) explicita a cidade como lugar privilegiado para compreender as relações entre processos macro e micro dos atores nas sociedades complexas contemporâneas.

O uso da etnografia nas pesquisas antropológicas supera, de forma contundente, a dicotomia indivíduo e estrutura (MAGNANI, 2002). Nas pesquisas que desenvolvi no longo de tempo (REGINENSI, 2019), esta, sempre em primeiro plano, a ideia de que a cidade está construída pelas representações dos atores. Esta construção subjetiva faz parte da realidade e o olhar do observador deve ser levado em consideração. Assim, não se pode partir de uma definição da cidade, mas sim das situações, lugares e dos movimentos que nela se constroem (AGIER, 1999).

As minhas pesquisas empíricas sempre passaram por um fio condutor: encontros, participação em eventos, interações diversas com os protagonistas da pesquisa, praticando desta forma um tipo de etnografia multilocalizada (MARCUS, 2011). Nos “encontros etnográficos”⁵ mencionados, os colegas ou pesquisadores em eventos mais formais, ou seja,

sociólogos, geógrafos, e arquitetos, urbanistas e mais recentemente artistas, ocupam um papel importante. Isto para dizer que a etnografia como método e/ou estratégia de pesquisa não é de uso exclusivo da antropologia.

Os encontros com geógrafos facilitaram a compreensão da noção de território como “espaço habitado” (SANTOS, 1996), é como o resultado de um processo histórico construído a partir de necessidades e interesses humanos, sejam eles econômicos, afetivos, morais ou culturais. É o lugar onde construímos a história a partir das nossas ações individuais e coletivas, das relações sociais e dos (des)encontros. Este autor deixa claro que o território não é feito apenas de sua porção espacial, física, mas é criado nas relações, usos, ocupação e sentimento de pertencimento. Um território é sempre político e muitas vezes produzido através de exclusões, pois a produção do território é sempre violenta. Apesar da aparente liberdade de circulação, as cidades são marcadas por diversos territórios impenetráveis, para fronteiras de diferenciação. Lugares onde não podemos ir porque sentimos medo, nos sentimos deslocados, não temos como pagar, não nos sentimos bem-vindos, não temos acesso através do transporte público e tantas outras dificuldades. Isso não se aplica apenas a lugares ou

regiões, mas também a situações, ocasiões, rituais. Para Doreen Massey, (1994), ao contrário do David Harvey, não haveria um único sentido de lugar e essas fronteiras, margens rígidas que demarquem os lugares contribuíam para pensar os lugares não apenas com fronteiras, mas como momentos ou experiências articulados em rede de relações e entendimentos sociais. A autora retém, na sua proposta, que os lugares não têm identidades únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos.

Como compreender a complexidade que permeia várias ações artísticas na cidade e a luta por ocupar um território? A partir de itinerários realizados com artistas observei que os trajetos percorridos indicam uma apropriação social particular da cidade, as intervenções gráficas não são apenas expressões pontuais nos espaços públicos, mas linhas traçadas pelas práticas que remetem aos trajetos vividos e experimentados pelos grafiteiros no cotidiano. Formase uma cartografia (RIBEIRO, 2011) inusitada que se refere às trajetórias de vida e formas de reivindicações, de protestos. Os diferentes trajetos formam também uma cartografia da ação social. A arte urbana produzida pelos artistas, ou pelos coletivos, traz em si uma forte carga política, por ocupar espaços fora dos campos institucionalizados da arte e tocar



6. O método foi experimentado por mim numa pesquisa com grafiteiros e por duas alunas que orientei Mestrado de Mirila Greicy. “É o encontro das pessoas que transforma”: a cidade do Rio de Janeiro por jovens que dançam; e, a Tese de doutorado defendido em 26/04/2019 : Carine Lavrador de Farias, Um programa e suas práticas juvenis: sociabilidades, trajetórias de vida e itinerários de jovens de periferias. PPGSP/UENF.

CATERINE REGINENSI

as realidades sociais de perto. Como chama atenção a Lígia Ferro (2016, p.252), a partir da fala dos próprios grafiteiros, o grafite carioca é *uma forma de resgate social* e o reconhecimento desta prática visando a descriminalização legal, no contexto nacional. Assim, podemos pensar que a arte desenvolveria formas de arte engajada na cidade, quando atua diretamente em seu espaço simbólico e imagético, gerando novas formas de percepção do cotidiano. Não cabe aqui pensar cidade, arte, política apenas no sentido de “arte engajada”, envolvida com os movimentos sociais, pois não se trata apenas de utilizar o fazer artístico como instrumento de política. Como escreve Jacques Rancière (2005), há uma gênese estética que a arte compartilha com a política: ambas intervêm na partilha que fazemos do nosso mundo sensível. Arte e política são maneiras de se recriar as “propriedades do espaço” e os “possíveis do tempo”, o que é visível e o que é invisível, os que fazem parte da cena ou dela estão excluídos. O autor Jacques Rancière (op.ct.) foi uma referência essencial para melhor entender as formas de inclusão e exclusão que definem a participação para uma vida comum e como são reconfiguradas dentro da experiência da vida cotidiana.

A minha reflexão parte de três pontos: 1) Luga-

res – e em particular a rua, as praças, os viadutos - (nas favelas, nos conjuntos de habitação social, na cidade); 2) Perspectivas das práticas do cotidiano que podem se confrontar às situações de riscos (diversas formas de violência, riscos socioambientais etc.; 3) Sujeitos que encontramos e maneiras de fazer e de dizer. Porém, qualquer seja o ponto de partida das minhas pesquisas: lugares, práticas ou sujeitos, o pano de fundo é sempre questão da transformação da cidade, das vivências sociopolíticas e ambientais sob observação.

Uma metodologia experimental, um convite e a produção do documentário na rua do surf / Morro do Rangel

A metodologia se fundamenta em uma análise documental de sites, blogs, redes sociais como Instagram e Face book, conversas, entrevistas compreensivas e o método dos itinerários⁶ a ser experimentado. A experiência do itinerário é "seguir uma pessoa que nos guia através do corpo e da palavra em um território que ele inventa e constrói encenando sua história" (PETITEAU, 2017). O verdadeiro deslocamento consiste em abandonar sua própria leitura e aceitar o imprevisível, através da retórica do outro.

Finalmente, não se trata de um método, mas de fazer uma experiência que pode se tornar um dispositivo de valorização e reconhecimento das pessoas em interação.

A partir de 2022, comecei a me interessar em outro método: o círculo cultural como atividade de pesquisa com e em imagens que permite às pessoas falarem sobre o que sabem dessas imagens; ao fazerem isso, os participantes podem refletir e discutir sobre o mundo em que vivem. As imagens serão retiradas de diferentes fontes (gravuras, fotos dos moradores, fotos da pesquisadora em campo). *As imagens, enquanto leitura e escrita do mundo, são possibilidades de uma Antropologia com as pessoas, em que elas são autoras e protagonistas das suas histórias* (DANTAS, 2022).

Em março de 2022 recebi um convite do Júlio, responsável da Ong Onda carioca e articulador de um projeto contemplado pelo edital da secretaria de cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro. O projeto tinha com objetivo resgatar a memória da rua do surf, ressignificar o lugar e transformar a Galeria num ativo estratégico para promover o turismo experiencial numa comunidade extremamente vulnerável apesar do seu enorme potencial.

Se tratava de realizar um mutirão de graffiti explorando a temática do surf, meio ambiente e o resgate histórico da área, já que o local fica no entorno do Morro do Rangel, considerado um monumento natural e sítio arqueológico protegido por lei.

A ação cultural se desenvolveu entre junho e setembro de 2022.

E assim que comecei a me interessar ao projeto de transformação da RUA 8W (rua do surf) um pequeno logradouro localizado no Terreirão, bairro Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio de Janeiro, em uma galeria de artes a céu aberto no formato de um grande corredor.

De fato, não se tratava de pintar, mas de melhorar as casas a través de um trabalho de equipes coordenadas: O projeto da rua 8W contou com 4 (quatro) equipes. A equipe de coordenação, que incluiu os mobilizadores locais responsáveis pela articulação e acompanhamento das atividades no território. A equipe de obra civil, também formada por moradores da comunidade e que fizeram todo trabalho de reforma e esboço das casas. A equipe de comunicação, responsável pelos registros fotográficos, entrevistas, artes gráficas, assessoria de imprensa e vídeos do projeto. A equipe de artistas, no início con-

tava com 04 (quatro) artistas e depois saltou para 26 (vinte e seis) artistas sob a curadoria do Acme, grafiteiro carioca, que mobilizou uma rede de artistas para se unirem. E, finalmente, a equipe de pesquisa, que contou com a participação de professores nas áreas da biologia, geografia e história local para darem suporte aos artistas na criação dos painéis. Na fala do Júlio, no documentário, se dá para perceber as dificuldades a ser superadas:

No início muitos moradores se negaram a ceder sua casa para a Galeria. Depois que passaram a conviver com os artistas, viram a beleza dos painéis, a história por trás, a opinião mudou radicalmente e a comunidade passou a aderir em massa à intervenção. O resultado é de 15 painéis o projeto passou para 27 painéis na Galeria 8W, ou seja, dos 869 m² que seriam grafitados o projeto conseguiu alcançar a marca de 2 mil m² de graffiti contando a história do lugar em 4 fases: tempos dos povos sambaquianos, índios tupinambás, roça/colônia de pescadores e no contexto mais atual com o surf, parapente e seu lifestyle”.

Pessoalmente, como antropóloga, acompanhei a fase de preparação das obras e fase de interlocuções com os moradores em abril /maio de 2022, integrando o grupo de coordenação.

Em 2023, voltei na rua do surf para conhecer

as casas pintadas. Caminhei na comunidade com uma moradora, a Binha, participei de uma oficina de grafite com crianças, observei e entrevistei o China, artista local, e o Aira O crespo, artista carioca que pintou a casa da Binha junto com Acme. Minha proposta se tornou um documentário para refletir sobre o significado de viver e permanecer no Morro do Rangel. Escrevi um roteiro que entrelaçava diferentes momentos de encontros: antes da realização das pinturas e depois que as casas foram pintadas e, submeti o projeto ao Júlio e a Binha. Diversas vozes foram privilegiadas, mas, os encontros com 4 (quatro) mulheres: Binha, Ana, Ana Paula e Brenda foram decisivos para fazer e filmar a experiência do “círculo cultural”, inspirado do Paulo Freire e das pesquisas do Emiliano Dantas. O “Círculo Cultural” foi, então, organizado para escutar e compreender, a partir da perspectiva das mulheres/moradoras, o processo de transformação ocorrido. As interlocutoras foram convidadas a participar, enquanto autoras, reunidas ao redor de uma mesa sobre a qual foram dispostas aleatoriamente, 25 (vinte e cinco) imagens, sem legendas. As participantes escolhiam as imagens sobre as quais gostariam de falar. Filmei e fotografei elas. Assim, fazendo as suas próprias interpretações das fotografias, me transmitiam as suas experiências,



CATERINE REGINENSI

vivências, sentimentos, ao mesmo tempo que narravam e construía a sua própria história.

O habitat e, em particular das mulheres, que me receberam, é também um movimento “perambulatório”, como coloca Tim Ingold (2012), são caminhos que conectam lugares. As casas pintadas reúnem moradores, artistas, jovens, estrangeiros, de alguma forma reabitam as vidas.

O documentário foi finalizado, editado, em parceria com *Afronteirafilmes* e, agradeço Rafael de Oliveira pelo desempenho e carinho. Em agosto de 2023, foi disponibilizado na plataforma Vimeo.



Referências

AGIER, Michel. **L’Invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas**, Amsterdam, Overseas Publishers Association, 1999.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos. Interação, contexto, comparação**. São Paulo: Unesp, EDUFAL, 2015. pp.27-28. (Tradução brasileira de Bruno César Cavalcanti e Maria Stela Torres B. Lameiras de La Sagesse de l’ethnologue, Paris: L’œil neuf éditions, 2004).

DANTAS, Emiliano (2022): “A imagem enquanto leitura e escrita do mundo: a palavraimagem e as imagensmundo”, *Iluminuras* 23.61, [em linha: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/123371>, 19/01/2024].

FERRO, Lígia. **Da rua para o mundo. Etnografia urbana comparada do Graffiti e do Parkour**, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais. 2016.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-4, Junho 2012.

LOW, Setha. **Theorizing the city: the new urban anthropology reader**. Rutgers University Press, 1999.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. « De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana », *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002, v. 17, n.49, p. 11–29.

MARCUS, George, E. «Multi-sited ethnography: Five or six things I know about it now ». In **Multi-sited ethnography: problems and possibilities in translocation of research Methods**. Oxford: Routledge, 2011, p. 16-34.

MASSEY, Doreen. “The global sense of place”, IN: **Space, place and gender**. Oxford: Polity, 1994.

PETITEAU, Jean Yves, RENOUX, Bernard, **Dockers à Nantes. L’expérience des itinéraires**. Nantes, Editions /Ensa Nantes.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências”. **Cadernos de Arte e Antropologia**, vol.4, nº2, 2015.

REGINENSI, Catherine. **A cidade como cenário de oportunidades. Etnografia das margens**, 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.



CATERINE REGINENSI

REGINENSI Caterine e RAPOSO Paulo, «Caminhadas e itinerários entre Rio de Janeiro e Lisboa. Artistas e ativistas urbanos entre sociabilidades e formas de resistir», **Ponto Urbe** [Online], 31 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 15 janeiro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/15089>

REGINENSI, Caterine; SAGIO CEZAR, Lilian.; PEREIRA DIAS, Julia., “Antropologia, arte e compartilhamento de saberes sobre a cidade: encontros, caminhadas e produção audiovisual em projeto de pesquisa e extensão universitária”, **Teoria e Cultura**, v. 15 n. 3: Interpretando a etnografia visual: imagens e a construção de significados antropológicos, 2020.

RIBEIRO, Ana Clara Torre; DA SILVA, Catia Antonia ; SHIPPER, Ivy. “Cartografia da ação e juventude na cidade: trajetórias de método”. In: RIBEIRO, Ana Clara; CAMPOS, Andreino; DA SILVA Catia Antonia (orgs.), **Cartografia da ação e movimentos da sociedade: desafios das experiências urbanas**. Rio de Janeiro: Lamparina editora. p.31, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Produção audiovisual da autora

1. “Circular na Praça”: Encontro e itinerário com uma artista.

Praça Adolfo Bloch, São Paulo, 12 de junho de 2021

<https://vimeo.com/587796892/79038d7e7e?share=copy>

O registro de imagens e de filmes resulta de um convite do curador Marc Potier para conhecer o projeto “Circular - Arte na Praça Adolpho Bloch”, em São Paulo. O projeto foi criado por conta do desejo de democratizar o acesso a arte incentivar o interesse por cultura. Por meio de exposições gratuitas e ao ar livre, a iniciativa, que já teve três edições, tem mostrado uma nova maneira de viver o espaço público.

2. Do Bairro ao estúdio de Maria Fernanda julho de 2021

<https://vimeo.com/625556990/e768377ee1?share=copy>

2022

A experiência dos itinerários

O objetivo do filme é compartilhar com professores e alunos uma arte da experiência através do método dos itinerários. O ponto de partida é nossa própria experiência de pesquisadoras e a descoberta do método no contexto da França e do Brasil. O sócio antropólogo, Jean Yves Petiteau, inspirado do pensamento de Paulo Freire, desenvolveu, sem dúvida, uma experiência original. Um recorte de uma conferência de Jean Yves Petiteau realizada em 2011 vai servir de fio condutor.



CATERINE REGINENSI

<https://vimeo.com/683869423/58aa2ed236?share=copy>

2023

Viver e permanecer no Morro do Rangel. A galeria 8 W, um projeto de arte urbana que ressignifica o lugar

<https://vimeo.com/866264106?share=copy>

senha acesso: galeria8W

